



O Servo Sofredor

O PLANO DE *HASHEM* PARA
ESTAR COM VOCÊ

A PROFECIA DA CHEGADA
DO MASHIACH

ESPERANÇA EM MEIO A SUAS
LUTAS E SACRIFÍCIOS

Copyright © 2023 by Sharing Hope Publications. Esta obra pode ser impressa e compartilhada sem autorização para fins não comerciais.

Os textos bíblicos foram extraídos da versão Nova Almeida Atualizada (NAA). Copyright © 2017 por Sociedade Bíblica do Brasil.

Language: Portuguese

Segunda edição
2023



Sumário

01

Uma promessa de salvação 4

02

A dor na restauração 12

03

Um redentor sofredor? 17

04

A profecia da vinda do Mashiach 22

05

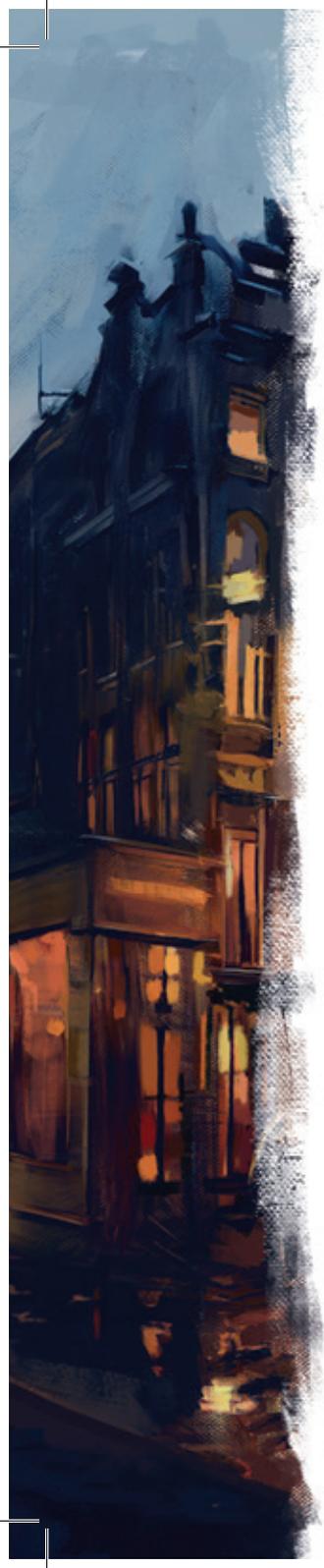
Quem é o Mashiach em Daniel 9? 30

06

Um Mashiach que entende você 37



Uma promessa de salvação



01

A família Rodrigues não tinha muito tempo. A Gestapo já tinha ido buscar outras famílias judias. Quanto tempo levaria até que ouvissem suas batidas na porta de sua casa? Abraão Rodrigues, um comerciante de tecidos bem-sucedido, sabia que precisava tomar decisões rápidas para proteger sua esposa e seus dois filhos, Elly e Henry.

O ano era 1943 em Amsterdã, na Holanda, e as restrições para as famílias judias estavam cada vez mais rígidas. Tudo começou com pequenos formulários de controle, mas logo se intensificou. Desde 1942, os judeus eram obrigados a costurar estrelas amarelas em suas roupas para mostrar sua identidade. Se fossem vistos sem esse símbolo, corriam o risco de pagar uma multa alta! Os judeus não podiam mais frequentar grande parte dos lugares públicos, como

cafés, cinemas, restaurantes e bibliotecas. Não podiam nem mesmo caminhar pelos parques!

Elly, na época com 12 anos, frequentava uma escola pública, mas não demorou muito para que os judeus fossem proibidos de estudar em escolas com crianças que não fossem judias, forçando-os a frequentar escolas judaicas.

Naquele momento, Abraão reconheceu que até mesmo as pequenas liberdades que ainda tinham lhes seriam em breve retiradas. A possibilidade de que fossem presos e levados para campos de concentração era muita alta. Por essa razão, ele começou a formular um plano para proteger sua família.

Um dia, Elly estava com seu vizinho e amigo Ian, quando, com um tom sério, anunciou que tinha um segredo para lhe revelar: – Ian, o que vou lhe dizer, você não poderá contar NUNCA para ninguém, nem mesmo para seu pai ou sua mãe, pois colocaria minha vida em perigo.

Depois que Ian aceitou guardar o segredo, ela prosseguiu: – Hoje à noite, por volta da uma da manhã, meus pais, meu irmão Henry e eu vamos fugir; vamos nos esconder. Os dois amigos ficaram ali juntos, em um triste silêncio, pensando em como a vida deles mudaria para sempre. Eles nunca mais se veriam.

Seguros por um tempo

Abraão arranhou um lugar para sua família se esconder no sótão



de Bert Bochove, um farmacêutico holandês, em Amsterdã. Eles chegaram no momento certo! Dois dias depois, a Gestapo foi atrás da família Rodrigues na casa em que moravam, apenas para descobrir que eles não estavam mais lá.

Aquele sótão se tornou a casa da família Rodrigues e de outros judeus por onze meses. Mas não podia ser chamado de lar. O espaço estava lotado; o ar estava pesado e abafado. Durante as horas de funcionamento da farmácia, que ficava embaixo do sótão, os ocupantes não podiam se mexer ou fazer barulho por medo de que algum dos clientes os ouvisse.

Ele teria que tomar uma das mais difíceis decisões que um pai pode fazer.

Bochove assumiu um risco quando decidiu esconder esses judeus. Começaram a circular rumores na vizinhança sobre as coisas que ele fazia. O que impediria alguém de denunciar à Gestapo?

Uma decisão de sacrifício

Abraão se deu conta de que sua família inteira não poderia mais ficar por muito tempo naquele sótão. Como pai, ele teria de tomar uma das decisões mais difíceis: separar a família. Ele esperava que as crianças tivessem uma chance maior de ficarem seguras se eles se separassem. Foi uma escolha corajosa, que salvaria a vida de Elly e Henry.

Abraão verificou sua lista de clientes e ligou para Margriet Bogards, uma professora solteira que morava no interior.

– Precisamos fugir – ele explicou.

Sem hesitar, ela respondeu: — Pode enviar Elly; eu fico com ela. Eu vou ligar para minha irmã; ela ficará com o seu filho.

Elly e Henry saíram da casa dos Bochoves em uma ambulância, um veículo menos provável de ser revisado. As crianças, ainda nem adolescentes, estavam a caminho da casa de estranhos; elas nem faziam ideia de que nunca mais veriam seus pais. Algum tempo depois, ambos os pais foram presos pela Gestapo e morreram em Auschwitz.

O risco de Margriet

A princípio, o pai de Elly enviava dinheiro para ajudar Margriet a cuidar dela, mas quando ele e sua esposa foram presos, o dinheiro parou de chegar. Elly ficou com muito medo. O que ela faria agora? Será que a Margriet desistiria de cuidar dela?

No entanto, para Margriet, Elly havia se tornado como uma filha. – Você é minha agora – disse Margriet. Se tudo o que eu tiver for um pedaço de um sanduíche, eu vou dividi-lo e compartilha-lo com você.

Quando o dinheiro ficou escasso, ela usou até mesmo as cortinas da casa para costurar roupas para Elly.

Margriet viveu o significado de sacrifício, arriscando sua vida e seu sustento para ter Elly em sua casa. Elly começou a usar um nome diferente e se passou pela sobrinha de Margriet. Porém, um dia na escola, ela cometeu um deslize, o que fez a professora suspeitar. Foi por um milagre que a escola não entregou Margriet para a polícia.

A despeito do perigo, Margriet não teria feito nada diferente; ela ainda teria corrido os riscos para proteger Elly. Por quê? Porque Margriet vivia com um propósito que estava além dela mesma. Graças ao seu sacrifício (assim como o dos pais de Elly), a vida da pequena menina foi salva quando apenas 11% das crianças judias europeias sobreviveram aos horrores do Holocausto.¹

Sacrifício: um reflexo do caráter de Deus

Na condição de seres humanos, Deus colocou em nós o desejo de viver com o propósito de abençoar e inspirar a família e a comunidade das quais fazemos parte. Esse desejo é profundamente enraizado no povo judeu.

A Agência Judaica para Israel coloca da seguinte maneira:

“O judaísmo sempre foi sobre pessoas em relação a alguma outra coisa, algo maior do que elas mesmas. Alguns diriam que um judeu é verdadeiramente judeu quando se relaciona com coisas maiores do que ele mesmo. No fim das contas, um judeu pode ser genuinamente denominado assim se ele faz parte de círculos de pertencimento: família, comunidade, nação e a esfera humana. É quando um judeu conscientemente percebe seu lugar no meio desses círculos concêntricos de responsabilidade que unem o indivíduo com o mundo que a essência interior da história



Fotógrafo: © Unsplash

judaica pode ser cumprida adequadamente. Um sentimento de conexão com pessoas não é um verdadeiro relacionamento se não é acompanhado de um sentimento de responsabilidade por elas.”²

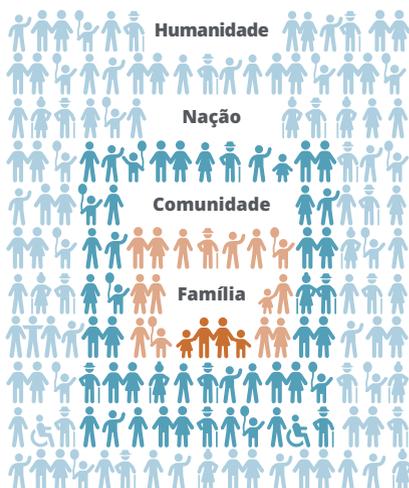
Às vezes, esse sentimento de responsabilidade por outros nos levará, até mesmo, a fazer sacrifícios bem difíceis, assim como as pessoas na vida de Elly fizeram. Talvez você também tenha histórias de sacrifícios pessoais que tenha feito para proteger os seus entes queridos.

Como pessoas feitas à imagem de Deus (Gênesis/Bereishit 1:27), essa disposição em se sacrificar por outros foi colocada em nosso coração para refletir o Seu caráter. Estaria o Todo-Poderoso disposto a experimentar a dor e a perda para o benefício de outros?

A resposta é sim! As profecias na Tanakh falam de Deus e dos sacrifícios que Ele estaria disposto a fazer por Seu povo. Vamos analisar algumas dessas profecias. Antes, porém, precisamos entender um pouco a respeito do contexto histórico.

Um começo trágico

Quando Deus criou Adão e Eva, Ele os colocou em um ambiente perfeito, no jardim do Éden. Toda necessidade era atendida e todo desejo era satisfeito. Deus lhes deu



apenas uma condição: eles não deveriam comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 3:17).

Um dia, Eva acabou caminhando um pouco mais perto da árvore do que planejava. Algo deslumbrante chamou sua atenção. O que era aquela criatura na árvore?

Ela ficou encantada pela beleza da serpente, e ainda mais surpresa quando o animal começou a falar com ela. A serpente passou a questionar as instruções de Deus sobre a árvore do conhecimento do bem e do mal. “É verdade que Deus disse: ‘Não comam do fruto de nenhuma árvore do jardim?’” (Gênesis 3:1). Eva começou a duvidar de Deus, e, dessa maneira, desobedeceu Suas instruções e levou Adão a fazer o mesmo.

O casal desobediente sentiu profundamente os efeitos do pecado. Sua ligação com Deus foi rompida, e correram para se esconder do Criador quando Ele os procurou no jardim. Adão culpou Eva por seu pecado, o que trouxe discórdia para o relacionamento deles. Como resultado, a miséria e a destruição se tornariam comuns na Terra. Adão e Eva tiveram a experiência da dor quando seu filho Caim assassinou o irmão Abel. A vida

perfeita que tinham já não existia mais.

A promessa do Mashiach

Deus não deixou Seu povo sem esperança. O Hino dos Mártires, cantado pelos judeus perseguidos ao longo da história, é uma curta canção baseada no décimo segundo dos treze princípios de fé de Maimônides. As simples palavras nos lembram da bendita promessa que estimamos:

Eu creio com plena fé
Na vinda do Mashiach, eu creio

Creio na vinda do Mashiach
Na vinda do Mashiach, eu creio
Creio na vinda do Mashiach

E mesmo que Ele demore
Ainda assim eu esperarei por Ele
E mesmo que Ele demore
Ainda assim eu esperarei por Ele

Ainda assim eu esperarei por Ele
Eu esperarei todos os dias por
Sua vinda
Ainda assim eu esperarei por Ele
Eu esperarei todos os dias por
Sua vinda

Eu creio.



O Mashiach era a esperança de Adão e Eva e das gerações futuras. A palavra *Mashiach* aparece 39 vezes na Tanakh; nove dessas referências falam especificamente sobre um futuro Mashiach da salvação (ver 1 Samuel 2:10, 35; Salmos/Tehillim 2:2; 20:6; 28:8; 84:9; Habacuque 3:13; Daniel 9:25, 26). No capítulo 4 desta revista, vamos analisar Daniel 9:25 e 26, uma das passagens relacionadas à chegada do Mashiach.

O Todo-Poderoso fez uma linda promessa logo no início, depois do pecado de Adão e Eva. Ele lhes garantiu: “Porei inimizade entre

você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela. Este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gênesis 3:15).

O diabo, representado pela serpente, tem exercido seu poder de morte e destruição desde os tempos de Adão e Eva. Mas os descendentes, a semente da mulher, desafiariam esse poder e “feririam” a cabeça da serpente, causando sua destruição.

Embora o verso profetize que a cabeça da serpente será ferida, também afirma que o mesmo acontecerá com o calcanhar do Mashiach, representando dor e perda.

O que seria necessário para Deus salvar o Seu povo? Semelhante à história de Margriet e Elly, seria necessário que Ele fizesse um sacrifício para trazer a redenção final? Será que a vitória exigiria o sofrimento do Mashiach?



Este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar.

GÊNESIS 3:15

Referência

1. História retirada de Hearst, Elliot L., *Escape from the List: Courage, Sacrifice, Survival, Remember.org*, 2016. Disponível em: remember.org/escape.
2. *The Modern Jewish World and Me – An Interactive Approach to Examining Jewish Identity Today*, The Jewish Agency for Israel, 13 de novembro de 2014. Disponível em: archive.jewishagency.org.

A painting of a young woman with dark, curly hair, wearing a dark green dress, sitting at a wooden desk. She is looking out a window with a thoughtful expression, holding a piece of paper. The scene is lit with warm, natural light from the window, creating a contemplative atmosphere.

A dor na restauração



02

Você sabe como é sentir a dor da separação das pessoas que você ama? Sem dúvidas, os pais de Elly e Henry queriam estar com eles. Certamente foi doloroso mandar os filhos para longe, mas eles estavam dispostos a fazer esse difícil sacrifício na esperança de salvar a vida deles.

Você sabia que Deus também deseja estar com o Seu povo? Nunca foi Sua intenção estar separado de nós, sem que pudéssemos vê-Lo face a face.

Antes de o pecado entrar no mundo, Deus ia ao jardim do Éden na brisa do entardecer e caminhava junto a Adão e Eva. Imagine a alegria de estar em comunhão com Deus, enquanto Ele mostrava a beleza de Sua criação, talvez até levando o casal a ver lindas cachoeiras ou prados exuberantes!

Deus tinha uma lição importante para lhes ensinar por meio desse sofrimento.

Essa conexão entre Deus e a humanidade, porém, foi quebrada quando Adão e Eva escolheram desobedecê-Lo. Por ser santo, o pecado não pode estar em Sua presença. Ele não podia mais estar face a face com o Seu povo.

Como um pai que faria qualquer coisa para estar com seus filhos, *HASHEM* precisava de um meio para se reconectar com aqueles que Ele criou, e foi assim que Ele lhes deu a promessa descrita em Gênesis 3:15. Ele também lhes deu um lembrete visual dessa promessa: o sistema do santuário e suas cerimônias de restauração.

O primeiro sacrifício

Os olhos de Raquel se encheram de lágrimas ao abraçar o seu amado animalzinho de estimação. O cachorro havia sido seu companheiro por mais de dez anos, mesmo antes dela e seu marido

terem filhos. No entanto, depois de ter mordido um trabalhador em sua casa e uma criança do bairro, Raquel sabia que não podia mais ficar com ele. Seu coração se encheu de angústia só de pensar em entregar seu bichinho. A dor de perder um animal é forte.

Imagine como Adão e Eva devem ter se sentido quando viram o primeiro animal morrer! Eles nunca tinham encarado a morte antes; e essa situação certamente lhes feriu o coração. Mas Deus tinha uma lição importante para lhes ensinar por meio dessa dor. Gênesis 3:21 registra: “*ADONAI Elohim* fez roupas de peles, com as quais vestiu Adão e sua mulher.”

Deus não usou linho, algodão ou outro material para vestir Adão e Eva. Em vez disso, Ele matou um animal e usou a pele para cobri-los.

Por meio da morte desse ser, Adão e Eva aprenderam que o pecado causa dor e morte; ele exige sacrifício. Em seguida, é possível ver Abel, filho de Adão e Eva, trazendo um cordeiro como oferta a Deus (Gênesis 4:4).

Desde Adão até a época dos israelitas no Egito, o povo de Deus trazia sacrifício de animais a Deus. Noé, por exemplo, ofereceu sacrifícios a Deus depois do dilúvio (Gênesis 8:20). O patriarca Abraão construiu altares para comungar com Deus durante sua jornada para a terra de Canaã (Gênesis 12:8; 13:4, 18). Os sacrifícios eram

símbolos de seu acordo com a aliança de Deus: a promessa que Deus havia dado para salvar o Seu povo. E sempre que entravam na presença de Deus, eles traziam um sacrifício para simbolizar como a ligação com Ele seria um dia restaurada.

O plano de Deus para estar com o Seu povo

Os descendentes de Abraão se tornaram uma grande nação no Egito. Por fim, eles foram escravizados pelo povo egípcio, e, enquanto estavam lá, muitos israelitas perderam o seu relacionamento com Deus. Quando Deus os libertou do Egito, Ele ansiava estar perto de Seu povo novamente.

Temos um vislumbre do coração paterno de Deus quando Ele declara: “E farão para mim um santuário, para que eu possa habitar no meio deles” (Êxodo/Shermot 25:8). A palavra usada em hebraico para

“habitar” é *šākan*, a mesma raiz da palavra para Shekhinah, ou a presença do Todo-Poderoso. Sua presença estaria no meio de Seu povo mediante esse santuário localizado no centro do acampamento.

Deus deu instruções específicas a Moisés para a construção do santuário: “Segundo tudo o que eu mostrar a você como modelo do tabernáculo e como modelo de todos os seus móveis, assim mesmo vocês o farão” (Êxodo 25:9). Ele também lhes deu instruções para os sacrifícios que fariam parte do serviço do santuário; muitos deles estão registrados em Levítico/Vayikra.

Sistema de sacrifícios: a solução de Deus?

O livro de Levítico forneceu instruções específicas sobre o que as pessoas no acampamento deveriam fazer se pecassem. O indivíduo tinha que pegar um animal perfeito (touro, ovelha ou cabra) e caminhar pelo



acampamento até o santuário, localizado ao centro. Ele entraria pelos portões do santuário e chegaria até o altar do sacrifício. Ali, ele colocaria a mão sobre o animal e confessaria o seu pecado. Então, viria a parte mais difícil: a própria pessoa pegaria uma faca e cortaria o pescoço do animal inocente. Consegue imaginar os olhos dessa pessoa se enchendo de lágrimas ao perceber o resultado de seu pecado? O seu sofrimento era uma pequena demonstração da dor que o pecado causa no mundo.

Mas esses sacrifícios não eram tentativas de adquirir o favor de Deus. O povo de Deus era muito diferente das antigas tribos da Mesopotâmia que os cercavam. Em contraste com as práticas desses povos (os moabitas, amonitas e filisteus, que sacrificavam seus filhos para apaziguar os deuses sedentos por sangue), o sistema de *HASHEM* tinha um propósito bem diferente. Era um lembrete para o povo de que o pecado trazia morte e separação. O perdão e a restauração só poderiam ser oferecidos por meio do sacrifício.

Veja, Deus se importava mais com o coração de Seu povo do

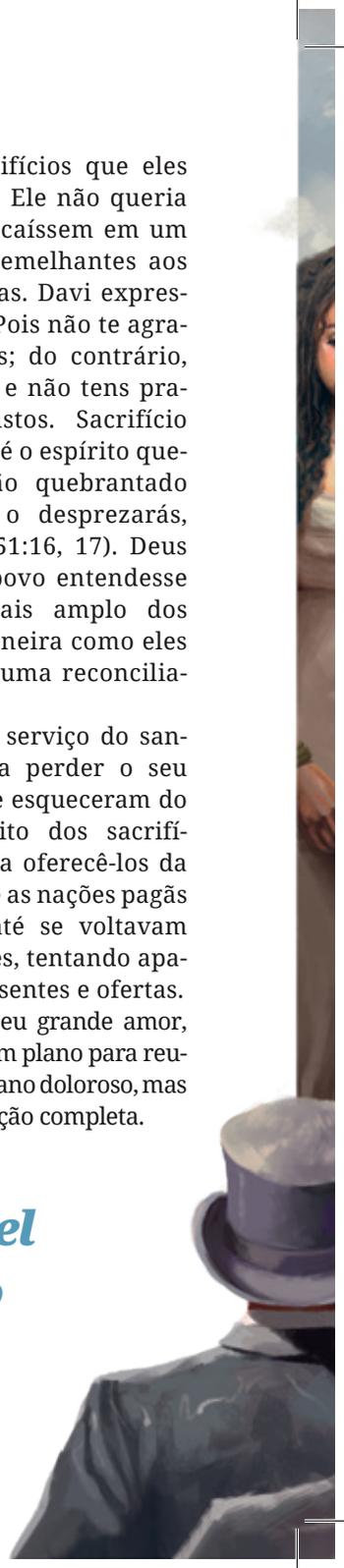
que com os sacrifícios que eles traziam para Ele. Ele não queria que os Israelitas caíssem em um ciclo de rituais semelhantes aos das tribos vizinhas. Davi expressou na Tanakh: “Pois não te agrada das de sacrifícios; do contrário, eu os ofereceria; e não tens prazer em holocaustos. Sacrifício agradável a Deus é o espírito quebrantado; coração quebrantado e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Salmo 51:16, 17). Deus queria que Seu povo entendesse o significado mais amplo dos sacrifícios e a maneira como eles apontavam para uma reconciliação com Ele.

Infelizmente, o serviço do santuário começou a perder o seu sentido. Muitos se esqueceram do principal propósito dos sacrifícios, e passaram a oferecê-los da mesma forma que as nações pagãs faziam. Alguns até se voltavam para outros deuses, tentando apaziguar-los com presentes e ofertas.

Mas graças ao Seu grande amor, Deus ainda tinha um plano para reunir Seu povo, um plano doloroso, mas que traria restauração completa.

” *Sacrifício agradável a Deus é o espírito quebrantado.*

SALMO 51:17





Um redentor sofredor?

03

Uma jovem se encolheu de medo ao ficar em pé na plataforma de escravos no meio da movimentada praça da cidade. Em uma época em que a escravidão era legalizada nos Estados Unidos, ela foi tirada de sua família e de sua casa, contra sua vontade, para se tornar parte desse terrível negócio.

Naquele momento, ela sabia que tinha poucas chances de ser comprada por um senhor bondoso. Todos os homens pareciam muito severos e cruéis. Alguns deles seguravam chicotes. Um senhor de escravos rude deu um passo em direção à jovem; seus olhos a examinavam por inteiro. Ela olhou para os seus pés, evitando contato visual com ele.

Logo começaram os lances.

Esse processo durou por algum tempo, enquanto o preço ia aumentando cada vez

mais. Então, uma nova pessoa, um homem muito sério, entrou na batalha de lances. *“Por favor, não deixe que ele me compre”*, a menina orava em silêncio. Porém, ela sabia que sua preferência não importava; no fim das contas, ela era uma escrava.

Aquele homem severo não desistia. Por fim, seu oponente se recusou a pagar mais. Ela foi vendida para quem ela mais temia.

Assim que o leilão terminou e a multidão se dispersou, o senhor de escravos acenou para a menina a qual tinha acabado de comprar. – Venha. Obediente, ela caminhava atrás dele, com medo do que o futuro lhe reservava.

A casa do homem não era longe da cidade, e logo chegaram lá. Era um chalé simples; muito diferente das casas requintadas dos fazendeiros ricos. A menina começou a se questionar por que

ele tinha pagado um valor tão alto por ela. Que valor ela tinha aos seus olhos?

Antes de chegarem à entrada principal, o homem se virou para ela. Seu rosto se tornou menos severo, e ele passou a olhar para ela com um olhar gentil.

– Você deve estar se perguntando por que eu comprei você – ele começou a falar. – Minha mulher e eu compramos você para que possa ser livre. Vamos educá-la como fariamos com nossa própria filha, e quando for mais velha, vamos ajudá-la a se reencontrar com sua família.

A menina não podia acreditar no que ouvia! Será que realmente seria livre? Mas as semanas e os meses que se seguiram provaram que as palavras dele eram verdadeiras. O homem e sua mulher não eram ricos, mas eles expressavam seu amor, seu cuidado e sua



proteção suprindo todas as necessidades básicas da menina e oferecendo-lhe uma educação. Sua vida nunca mais seria a mesma, pois ela havia sido redimida.

A redenção na Tanakh

A redenção/*ge'ulah* é um conceito muito importante. Durante a celebração da Páscoa/Pesach, recordamos a história de nossos ancestrais que foram escravos no Egito. Lembramos da forma como Deus os redimiu. A redenção é mais do que simplesmente ser liberto da escravidão. Trata-se de uma restauração completa. A Pesach também é um lembrete da futura redenção do povo de Deus pelo Mashiach. Naquele momento, quando o povo de Deus for restaurado para o que era a vida antes do pecado, eles poderão viver com alegria durante o reinado do Mashiach.

O livro de Isaías/Yeshayahu na Tanakh se refere a Deus 13 vezes como “Redentor” (Isaías 41:14; 43:14; 44:6, 24; 47:4; 48:17; 49:7; 49:26; 54:5, 8; 59:20; 60:16; 63:16). O povo de Deus precisava de redenção em relação aos seus inimigos, mas ele tinha um problema mais grave: precisava também de redenção do pecado para que pudesse estar novamente ligado a Deus. Isaías escreveu: “As iniquidades de vocês fazem separação entre vocês e o seu Deus; e os pecados que vocês cometem o levam a esconder o seu rosto de vocês” (Isaías 59:2).

Mas qual era a solução para o problema do pecado e da separação?

O servo em Isaías

Isaías 53 não faz uso da palavra *redentor*, mas fala de alguém que tomaria sobre si “o pecado de muitos” (Isaías 53:12). Quem é essa



pessoa? O Todo-Poderoso, em Isaías 53:11, O identifica como “Meu Servo, o Justo”.

Muitos são rápidos em sugerir que o “servo” de Deus citado em Isaías é Israel. Eles mencionam versos como Isaías 41:8, 9: “Mas você, Israel, meu servo; você, Jacó, a quem escolhi; você, descendente de Abraão, meu amigo; você, a quem eu trouxe dos confins da Terra e chamei dos seus cantos mais remotos, e a quem eu disse: ‘Você é o meu servo, eu o escolhi e não o rejeitei’”.

De fato, esse verso claramente se refere à nação de Israel, que descende de Abraão e Jacó.

Contudo, em alguns textos que usam a palavra “servo”, há uma progressão de um servo *coletivo* para um servo *individual*. Isaías 49:5, 6 é um exemplo da palavra “servo” sendo usada para falar de um indivíduo:

“Mas agora diz *ADONAI*, que me formou desde o ventre para ser o seu servo, para trazer Jacó de volta e reunir Israel a Ele, porque sou glorificado diante do *ADONAI*, e o meu Deus é a minha força. Sim, ele diz: ‘Para você, é muito pouco ser o meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta o remanescente de Israel’”.

Esse servo é alguém que vai “trazer de volta o remanescente de Israel”. Não pode ser também Israel. Deve ser alguém que não seja Israel.

Vamos olhar a descrição do servo em Isaías 53:

- › “Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens” (v. 3).
- › Ele carregou as dores e as tristezas do povo (v. 4).
- › Ele foi “aflito, ferido de Deus e oprimido” (v. 4).
- › Ele sofreu pelos pecados (ou iniquidades) do povo (vv. 5, 8, 10, 11).
- › Ele era “como cordeiro [...] levado ao matadouro” e, “foi cortado da terra dos viventes” (vv. 7, 8).

Este texto do servo sofredor muitas vezes foi aplicado a Israel porque fala do sofrimento que o povo de Deus passou ao longo da história.

No entanto, esse servo sofreria *pelos* pecados do povo de Deus; Ele levaria esses pecados sobre Si. Portanto, não é possível que o servo seja a mesma entidade que o povo de Deus; o servo deve ser alguém distinto dele.

O Midrash fornece ideias interessantes sobre Isaías 53:

“[Mashiach] de nossa justiça [Mashiach Tzadikein], embora sejamos Teus antepassados, Tu és maior do que nós porque carregaste o fardo dos pecados de nossos filhos, e nossas grandes opressões caíram sobre Ti... Entre os povos do mundo, Tu trouxeste apenas escárnio e zombaria a Israel...”

Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si

TALMUD B. SANHEDRIN 98B.

Tua pele encolheu e Teu corpo ficou seco como madeira; Teus olhos ficaram vazios pelo jejum, e Tua força tornou-se como cerâmica fragmentada – tudo isso aconteceu por causa dos pecados de nossos filhos.”¹

Será que Isaías 53 pode estar se referindo ao Mashiach?

Uma tradição no Talmud b. Sanhedrin acerca de Isaías 53 fala do Mashiach suportando os sofrimentos e as doenças do povo:

“Qual é o nome do [Mashiach]? ... Nossos sábios disseram: ‘O Leproso é seu nome, segundo a Escola do Rabino, pois é dito: “Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si; e nós O considerávamos

como aflito, ferido de Deus e oprimido.”’ ”²

Parece que Isaías 53 aponta para um Mashiach que viria para se identificar com o sofrimento, as doenças e os pecados de Seu povo. O capítulo menciona até mesmo o fato de Ele ser “cortado da terra dos vivos” (Isaías 53:8) — uma descrição de morte. Poderia a redenção de Deus vir por meio do sacrifício feito pelo Mashiach?

Esse não é o único texto que fala sobre o Mashiach ser, de alguma maneira, ferido. Seu nome é destacado em Daniel 9, um dos textos proféticos mais marcantes. De acordo com o verso 26, é predito que o Mashiach “será morto”. Vamos examinar esse texto mais detalhadamente.

Referências

1. Pesiqta Rabbati, Piska 37.
2. Talmud b. Sanhedrin 98b.

A man with a beard and long hair, wearing a brown robe, is shown in profile, looking out over a city. He is standing on a balcony or ledge, with his right hand resting on the railing. The city below is filled with buildings, including a prominent blue building with arches, and a large domed structure in the distance. The sky is blue with white clouds. The overall scene is brightly lit, suggesting a sunny day.

A profecia da vinda do Mashiach



04

Daniel se ajoelhou reverentemente próximo de sua janela como era seu costume há mais de sete décadas. Ele era um dos cativos judeus levados à Babilônia, mas anos haviam se passado desde o dia em que ele pisou pela primeira vez nessa terra que agora era governada pelos Medo-Persas.

Quando chegou, ele era apenas um adolescente – um adolescente cativo, que foi destituído de tudo que lhe era familiar e teve de seguir para uma terra estranha. Sua família provavelmente estava morta; os babilônios não tinham visto valor neles. Daniel, no entanto, tinha potencial. Ele, junto com vários outros jovens de sua idade, foram escolhidos por decreto real para receber a melhor educação em Babilônia.

Desde o começo, Daniel enfrentou desafios. O novo ambiente era muito diferente da cultura

judaica na qual ele havia crescido. O seu primeiro teste veio quando as iguarias do rei foram colocadas diante dele e de outros jovens (Daniel 1:8-16). Daniel escolheu não comer essa comida porque sabia que não era kosher. Então, foi-lhe dado um novo nome, o nome de um dos deuses babilônicos, e ele teve de aprender uma nova língua. Todas essas mudanças eram tentativas dos babilônicos de integrar Daniel à sua cultura. *“Podemos encaixá-lo em nosso molde e fazer com que ele esqueça o seu jeito judeu”*, eles pensavam. Mas Daniel escolheu permanecer fiel a Deus, e Ele o abençoou grandemente por isso.

Deus concedeu sabedoria e entendimento superiores a Daniel e seus amigos, o que resultou em sua promoção a cargos administrativos no reino da Babilônia. Quando o rei Nabucodonosor teve sonhos premonitórios, Daniel, por meio da sabedoria dada a ele por Deus, os interpretou (Daniel 2). Por fim, o rei pagão se tornou um seguidor de *HASHEM* pela influência de Daniel.

Depois que o reinado de Nabucodonosor terminou, Babilônia foi conquistada pelo Império Medo-Persa. Até mesmo em situação política tão tumultuosa, Deus preservou a vida de Daniel, e mais uma vez ele achou favor aos olhos do rei, desta vez, o rei Dario.

Ao longo de todas essas experiências, Daniel deve ter mantido em mente a promessa que Deus

lhe havia dado por meio do profeta Jeremias: que, depois de 70 anos do exílio, Ele traria o Seu povo de volta à terra que lhes pertencia.

A oração de Daniel por Israel

Ao se ajoelhar para orar no primeiro ano do reinado do rei Dario, Daniel deve ter refletido em como Deus o havia abençoado e trazido até este momento.

Mas ele também estava preocupado. O período de 70 anos estava quase terminando. Será que Deus não cumpriria a promessa que Ele deu ao profeta Jeremias? “Logo que se cumprirem para a Babilônia setenta anos, atentarei para vocês e cumprirei a promessa que fiz a vocês, trazendo-os de volta a este lugar. [...] Então vocês me invocarão, se aproximarão de mim em oração, e eu os ouvirei. Vocês me buscarão e me acharão quando me buscarem de todo o coração” (Jeremias 29:10, 12, 13).

Daniel estava comprometido a se voltar a Deus mais intensamente buscando o perdão do seu povo para que pudessem voltar à sua terra. Ele se vestiu de pano de saco e cinzas como sinal de luto. Ele orou sinceramente a Deus em confissão:

“Orei ao Senhor, meu Deus, e fiz a seguinte confissão: – Ah! Senhor! Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus



mitzvot, nós temos pecado e cometido iniquidades. Procedemos mal e fomos rebeldes, afastando-nos dos teus *mitzvot* e dos teus juízos” (Daniel 9:4, 5).

Embora Daniel tivesse sido fiel a Deus, ele se identificava com o seu povo e seus pecados. Em sinceridade, ele incluiu todo o povo Israel em suas orações e clamou pela misericórdia e o perdão de Deus:

“Inclina, ó Deus meu, os ouvidos e ouve! Abre os olhos e olha para a nossa desolação e para a cidade que é chamada pelo teu nome! Lançamos as nossas súplicas diante de ti não porque confiamos em nossas justiças, mas porque confiamos em tuas muitas misericórdias. Ó Senhor, ouve! Ó Senhor, perdoa! Ó Senhor, atende-nos e age! Não te demores, por amor de ti mesmo, ó meu Deus, porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome” (Daniel 9:18, 19).

As setenta semanas

Deus não ignorou a oração do Seu servo Daniel. Ele enviou o

anjo Gabriel até ele com uma visão especial.

“Daniel, agora eu vim para dar a você inteligência e discernimento. Quando você começou a fazer as suas súplicas, foi dada uma ordem, e eu vim para explicar tudo a você, porque Deus o ama muito. Portanto, preste atenção à mensagem e entenda a visão” (Daniel 9:22, 23).

A visão começou com uma profecia baseada no tempo:

“Setenta semanas estão determinadas para o seu povo e para a sua santa cidade” (Daniel 9:24).

Essas 70 semanas equivalem a 490 dias. Quando Deus fala por meio de profecia, dias representam anos. Por exemplo: Deus instruiu o profeta Ezequiel a deitar-se do seu lado direito por um certo número de dias, cada dia representando um ano (Ezequiel 4:5, 6). Ou, em outro momento, quando Deus exigiu que os israelitas ficassem no deserto em vez de entrar na Terra Prometida, Ele fez referência ao mesmo princípio: “Segundo o número dos dias em que vocês espiaram a terra, quarenta dias, cada dia representando

um ano, vocês levarão sobre si as suas iniquidades” (Números/Bamidbar 14:34).

Essa interpretação de um dia por um ano tem sido sustentada por acadêmicos e comentaristas judeus, que interpretam as



70 semanas nessa passagem dessa maneira.¹ Usando esse princípio, as 70 semanas proféticas em Daniel 9 representam 490 anos literais. Ou podemos pensar desta maneira: $70 \times 7 \text{ dias} = 490 \text{ dias proféticos} = 490 \text{ anos literais}$.

Na Tanakh, os números têm grande importância. A duração dessa profecia temporal não é diferente. O número sete era importante na economia judaica porque a cada sete anos acontecia o *Shemithah*, o ano em que todos eram perdoados de suas dívidas. Depois de sete ciclos do *Shemithah*, o 50º ano era o Jubileu/*Yovel*, quando os escravos eram libertos e a terra que havia sido vendida era devolvida aos seus donos originais (Levítico 25:8-10).

O que aconteceria nesse período de 490 anos? Gabriel continuou:

“Setenta semanas estão determinadas para o seu povo e para a sua santa cidade, para acabar com a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos” (Daniel 9:24).

A profecia das 70 semanas simboliza o perdão de *HASHEM* e a liberação da dívida. Essa profecia era uma resposta para a oração de Daniel! Deus ouviu seus clamores pelo perdão de seu povo e responderia a Daniel de duas maneiras.

Primeiro, como a história revela, o povo judeu milagrosamente retornou à sua terra depois que os 70 anos se completaram, como predito por Jeremias.

Mas Deus tinha um plano maior para trazer o Seu povo de volta para Ele. Lembre-se, o propósito de Deus em todo o tempo é estar com o Seu povo. Nessa profecia concedida a Daniel, Ele prometeu que dentro de 490 anos haveria uma maneira de pôr fim aos pecados e providenciar perdão e reconciliação.

Observe que três palavras diferentes são usadas nesse texto para descrever a desobediência a Deus: pecado, transgressão e iniquidade. Deus queria lidar com cada aspecto do pecado e com a maneira como isso os separava Dele.

O texto também diz que será trazida a “justiça eterna”. A palavra usada aqui é *tsedek*, que significa “justo, como se nunca tivesse pecado”. Não apenas o pecado seria resolvido, mas Deus também queria fazer de Seu povo como se nunca tivessem pecado! O perdão apresentado na profecia dos 490 anos será um perdão completo, algo que só poderia ser possível por meio do *Mashiach*.

A linha do tempo da profecia

Esse perdão completo e extraordinário aconteceria dentro do período de 490 anos. Mas para saber exatamente quando seria, precisamos determinar um ponto

de partida para a profecia. A boa notícia é que Gabriel informou a Daniel sobre esse início! Em Daniel 9:25, ele disse: “Saiba e entenda isto: desde que foi dada a ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até a vinda do Mashiach, o Príncipe, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas.”

Os historiadores identificam três decretos diferentes que foram dados para restaurar e reconstruir Jerusalém:

- 1 O decreto de Ciro, o Grande, em 537 AEC (Esdras 1).
- 2 O decreto de Dario I em 521 AEC (Esdras 6).
- 3 O decreto de Artaxerxes I em 457 AEC (Esdras 7).

A terceira data se encaixa melhor na descrição da ordem de restaurar e reconstruir Jerusalém porque abrange os dois primeiros decretos e os completa. Não só permitiu a reconstrução de Jerusalém, mas também instituiu Israel com poder político porque Artaxerxes havia decretado que Esdras deveria estabelecer magistrados e juízes sobre o povo (Esdras 7:25).

Esdras 6:14 registra: “Os anciãos dos judeus iam construindo e prosperando em virtude do que profetizaram os profetas Ageu e Zacarias, filho de Ido. Reconstruíram o templo e o terminaram segundo a ordem do Deus de Israel e segundo o decreto de

Ciro, de Dario e de Artaxerxes, reis da Pérsia.”

Esdras 7, que apresenta o decreto inteiro, informa-nos que ele aconteceu no sétimo ano do Rei Artaxerxes (Esdras 7:8). Com base em vários documentos históricos, tais como o cânon de Ptolomeu e o calendário judaico, o sétimo ano do rei Artaxerxes teria sido em 457 AEC. Esse ano é o nosso ponto de partida.

A profecia em Daniel 9 indica que, a partir dessa ordem para reconstruir Jerusalém em 457 AEC até a época do Mashiach, haveria um período de “sete semanas e sessenta e duas semanas”, um total de 69 semanas ou 483 dias. Lembrando que um dia profético é igual a um ano literal. Então isso equivale a 483 anos.

O que aconteceria depois desse período? Será que o período predito se refere a 70 *anos* literais profetizados por Jeremias, ou as 70 *semanas* proféticas descritas em Daniel? Essas são duas profecias temporais diferentes e é importante fazer separação entre elas. Sim, Daniel esperava um Mashiach para libertar Israel de seus captivos, e esse Mashiach de fato veio depois dos 70 anos preditos por Jeremias na forma do rei Ciro dos persas (Isaías 45:1).

Mas Deus responderia a oração de Daniel de uma forma mais ampla. Durante as 70 semanas (490 anos), um Mashiach universal viria para redimir o povo de seu problema mais profundo com o pecado. Ele

70 SEMANAS =

537 AEC

521 AEC

457 AEC

408 AEC

Seis semanas
(ou 49 anos)

**Decreto de Ciro
(Esdras 1)**

**Decreto
de Dario
(Esdras 6)**

**Decreto de
Artaxerxes
(Esdras 7)**

**A construção das muralhas de
Jerusalém é concluída**

seria o Mashiach do Jubileu (Isaías 61:1, 2), aguardando o momento em que Deus criará “novos céus e nova terra” (Isaías 65:17). Nesse tempo, não haverá mais pecado para arruinar a beleza da Terra e a conexão que Deus anseia ter com o Seu povo. Deus e a humanidade finalmente estariam unidos.

Sacrifício inesperado

Olhando para trás, para sua própria vida, você consegue se lembrar de experiências inesperadas? Talvez tenham sido negativas ou desafiadoras. Eu não acho que Elly Rodrigues percebeu o que seria necessário para que ela sobrevivesse ao holocausto. Será que imaginava que nunca mais veria seus pais? Será que sabia que eles morreriam em campos de concentração quando ela foi enviada para se esconder no interior? Provavelmente não.

A profecia em Daniel 9 também tem uma parte inesperada: um sacrifício que seria necessário para o perdão e a liberdade do

povo de Deus. Daniel 9:26 continua: “Depois das sessenta e duas semanas, o Mashiach será morto e não terá nada.”

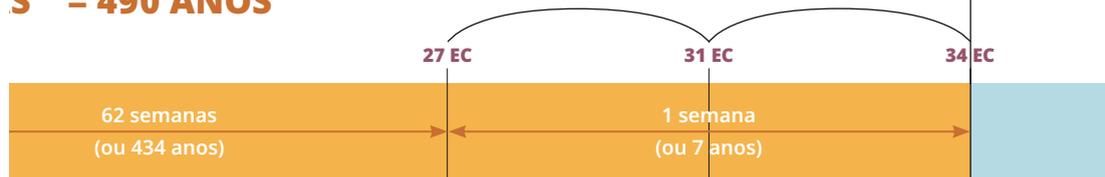
Morto? Isso não parece se encaixar no que entendemos por um Mashiach vitorioso! A palavra hebraica para “morto” é *kārat*. Ela significa “destruir ou exterminar”, e na Torá é muitas vezes usada no contexto de uma pessoa que foi condenada à morte. Um exemplo é Levítico 18:29: “Todo aquele que fizer alguma dessas abominações, sim, aqueles que as cometerem serão eliminados [*kārat*] do seu povo.”

O Mashiach seria realmente condenado à morte?

A palavra *kārat* também é associada a outra coisa. A palavra está relacionada a pactos e aos sacrifícios associados a esses pactos.

Por exemplo, em Gênesis 15, Deus fez um pacto com Abraão, prometendo a ele a terra de Canaã. O verso 18 nos diz: “Naquele mesmo dia, *ADONAI* fez [*kārat*] aliança com Abrão, dizendo:

S = 490 ANOS



“Desde que foi dada a ordem para restaurar e para edificar Jerusalém até a vinda do Mashiach”

– À sua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates.”

Em Jeremias/Yirmeyahu 34:13, o próprio Deus declarou: “Eu fiz [*kārat*] uma aliança com os pais de vocês, no dia em que os tirei da terra do Egito, da casa da servidão.” Junto a essa aliança, Ele estabeleceu os serviços do santuário. Por meio dos sacrifícios feitos no santuário, o povo recebia o perdão dos seus pecados. Levítico 17:11 explica: “Porque a vida da carne está no sangue. Eu o tenho dado a vocês sobre o altar, para fazer expiação pela vida de vocês, porque é o sangue que fará expiação pela vida.” (Ver também Levítico 4-7.)

Lembre-se, o propósito dos 490 anos dessa profecia era “acabar com a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade” (Daniel 9:24) — exatamente o mesmo propósito para o qual Deus havia dado a sua aliança e o sistema de sacrifícios.

Observe o que Daniel 9:27 nos diz sobre a aliança: “Ele [falando do Mashiach] fará firme aliança com muitos, por uma semana. Na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta.”

Ao ser morto, o Mashiach confirmaria a aliança que Deus fez no começo com Adão e Eva, a promessa de que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente. E, ao confirmar a aliança, o sistema de sacrifícios e ofertas também seria cumprido, pois todos apontavam para o Mashiach, que morreria para o perdão dos pecados e reconciliaria Deus com a humanidade.

A profecia tomou um rumo inesperado, talvez indesejado. Será que o Mashiach citado em Daniel 9 seria morto como cumprimento dessa aliança? Será que o sistema de sacrifícios estabelecido por Deus apontava para o grande sacrifício do Mashiach?

Referência

1. Rabbi Hersh Goldwurm, *Daniel: A New Translation with Commentary, Anthologizing from Talmudic, Midrashic and Rabbinic Sources*, 2ª ed. (Nova York, NY: ArtScroll Mesorah Publications, 1979).

A close-up photograph of hands assembling a puzzle on a wooden surface. The central focus is a puzzle piece depicting a white lamb resting on a nest of brown sticks. A hand is shown placing a red puzzle piece above the lamb, while another hand holds a piece below. Several other puzzle pieces are scattered on the table, some showing parts of the lamb or the nest. The lighting is warm, highlighting the textures of the wood and the puzzle pieces.

Quem é o Mashiach em Daniel 9?



05

Você já montou um grande quebra-cabeças, de 500 ou 1.000 peças? Se sim, você sabe como é satisfatório ver a imagem se formando peça por peça. Mas veja se este cenário também lhe é familiar: você olha as peças cuidadosamente, buscando aquelas que se encaixariam em espaços específicos, e quando você acha que encontrou duas semelhantes, você as testa. Às vezes, as peças parecem ter um encaixe perfeito! “*Deve encaixar*”, você pensa. Mas quando você tenta, o encaixe é imperfeito, como se fosse um encaixe forçado.

Quando lemos a Tanakh, às vezes fazemos a mesma coisa. Assumimos que certas ideias ou conceitos são verdadeiros. Então, tentamos encaixar essas ideias no texto. No fim, pode parecer que a interpretação se encaixa, mas é forçada.

Corremos o risco de fazer o mesmo com a profecia de Daniel 9. Ao explorarmos essa profecia, ficamos com algumas dúvidas: se a profecia dos 490 anos começou em 457 AEC, ela terminaria em 34 EC. Isso significa que o Mashiach já veio? E o mais importante: quem é Ele?

Para se adequar à profecia, esse indivíduo teria de:

- › Começar o seu ministério exatamente 483 anos depois de 457 AEC (27 EC).
- › Afirmar ser o Mashiach.
- › Exibir as qualidades do Servo Sofredor de Isaías 53.
- › Cumprir o serviço de sacrifício israelita e morrer três anos e meio depois.

Somente um indivíduo na história se encaixa perfeitamente nessa descrição: Yeshua. Observe-mos as evidências.

Evidências de Yeshua como o Mashiach em Daniel 9

A profecia em Daniel 9 se estendeu por 69 semanas (483 anos literais) até o “*Mashiach*, o Príncipe”. Se contarmos 483 desde 457 AEC (mais 1, já que não houve ano 0), chegamos a 27 EC, o exato momento na história em que Yeshua começou o Seu ministério.

Como sabemos que Ele começou o Seu ministério nesse ano?

O livro de Lucas é muito preciso ao datar o ano em que Yeshua desceu

às águas no rio Jordão. Lucas 3:21, 22 registra: “Ao ser todo o povo batizado, *Yeshua* também foi batizado. E aconteceu que, enquanto ele orava, o céu se abriu, o *Ruach HaKodesh* desceu sobre ele em forma corpórea como pomba, e do céu veio uma voz, que dizia: – Você é o meu Filho amado; em você me agrado.” Segundo Lucas, esses eventos aconteceram no “décimo quinto ano do reinado de Tibério César” (Lucas 3:1), o que a história revela ser 27 EC.

Daniel 9 anseia pelo Mashiach, o Ungido, que iniciaria o seu ministério dentro da profecia das 70 semanas. Paulo, o apóstolo, olhando para trás, para a história desde a sua época, marca o batismo de Yeshua no rio Jordão como sua unção e o começo de seu ministério: “Deus ungiu a *Yeshua de Natzeret* com o *Ruach HaKodesh* e com poder. [Ele] andou por toda parte, fazendo o bem e curando todos os oprimidos do diabo, porque Deus estava com ele” (Atos 10:38).

O próprio Yochanan Hamatbil (João Batista) fez uma declaração muito forte a respeito de Yeshua: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (João 1:29). Por meio dessas palavras, ele levou a mente das pessoas de volta ao serviço do santuário.

O santuário estava prenunciando esse papel do Mashiach, certo? Os animais eram sacrificados para prover o perdão às pessoas quando

elas pecavam. Mas esses sacrifícios de animais não eram o propósito final do serviço; eles apontavam ao sacrifício do Mashiaich.

Isaías 53 reiterou essa ideia quando falou do Servo Sofredor. O profeta Isaías o descreveu como uma oferta sacrificial:

“Como cordeiro foi levado ao matadouro e, como ovelha muda diante dos seus tosquiadores, ele não abriu a boca” (v. 7).

E, finalmente, Daniel 9:26, 27 enfatizou que o Mashiaich “será morto e não terá nada. [...] Na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais.” A última semana da profecia começou em 27 EC, no começo do ministério de Yeshua, e terminou em 34 EC. A “metade da semana” era 31 EC, depois dos três anos e meio de ministério de Yeshua. Ele foi condenado à morte para trazer perdão para os pecados das pessoas. Como resultado, as ofertas do serviço do santuário não eram mais necessárias porque Ele mesmo era o cumprimento desses sacrifícios.

Mas você pode ainda se perguntar: *Seria Yeshua realmente o cumprimento dessa profecia? E o que dizer de interpretações mais tradicionais de Daniel 9?*

Vamos analisar uma dessas interpretações. E veremos que as “peças do quebra-cabeças” não se encaixam muito bem.

Será que Onias III poderia ser o Mashiaich de Daniel 9?

Muitos acadêmicos, tanto judeus quanto cristãos, acreditam que o Mashiaich citado em Daniel 9 é Onias III, um sumo sacerdote do período do Império Selêucida que defendeu o povo judaico e, como resultado, foi assassinado por isso.

Há duas razões importantes, no entanto, pelas quais o Mashiaich em Daniel 9 não pode ser Onias III.

Primeiro, o momento da morte de Onias III não se alinha com o período da profecia. Daniel 9 fala da profecia que começa no momento do decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém.

Como já mencionamos, foram três decretos:

- 1 O decreto de Ciro, o Grande, em 537 AEC (Esdras 1).
- 2 O decreto de Dario I em 521 AEC (Esdras 6).
- 3 O decreto de Artaxerxes I em 457 AEC (Esdras 7).

O decreto de Artaxerxes em 457 AEC foi o mais completo de todos. Se somarmos 490 anos a 457 AEC, chegaremos a 34 EC. Onias III, no entanto, foi assassinado em 170 AEC, apenas 287 anos depois da data de início. E mesmo se usarmos um dos decretos anteriores como ponto de partida, ainda assim completaríamos 367 ou 370 anos em vez dos 490 anos completos da profecia.

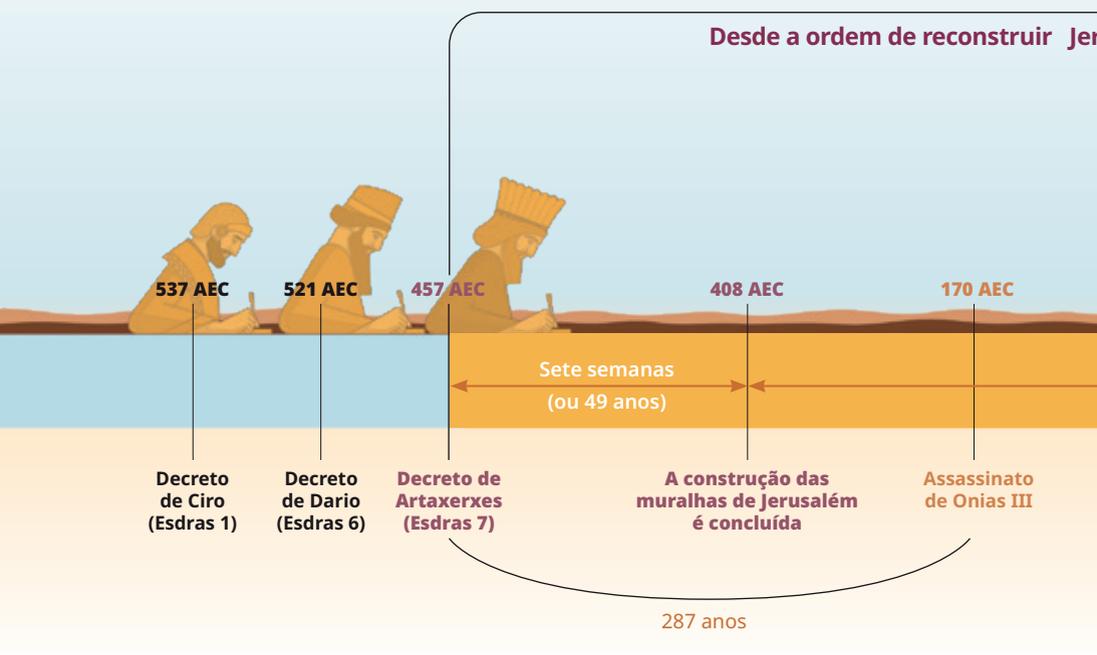
Segundo, Daniel 9:24 claramente descreve o propósito dos 490 anos: “para acabar com a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça

eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos.”

Onias III cumpriu algum desses objetivos com sua morte ou seu ministério? Não. Ele não acabou

70 SEMANAS =

Desde a ordem de reconstruir Jer



O princípio dia-ano

Quando Deus fala por meio de profecia, dias representam anos. Por exemplo: Deus instruiu o profeta Ezequiel a deitar-se do seu lado direito por um certo número de dias, cada dia representando um ano (Ezequiel 4:5, 6). Ou, outra vez,

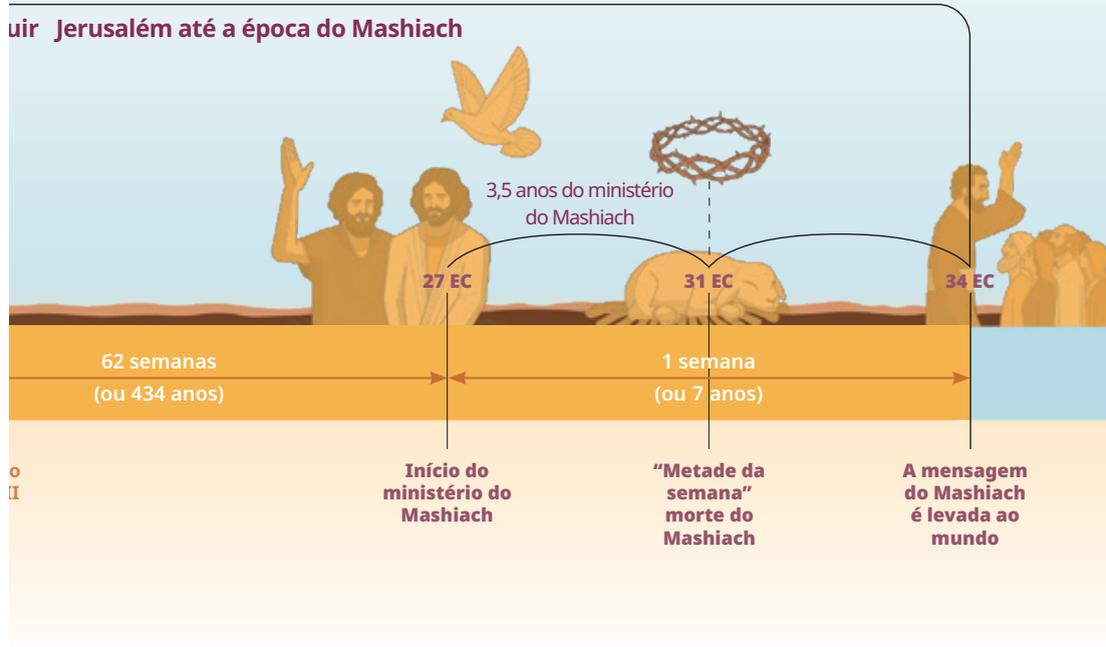
quando Deus exigiu que os israelitas ficassem no deserto em vez de entrar na Terra Prometida, Ele se referiu ao mesmo princípio: “Segundo o número dos dias em que vocês espiaaram a terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, vocês

com a transgressão, não deu fim aos pecados, não expiou a iniquidade nem trouxe justiça eterna. Não é possível que ele seja o cumprimento dessa profecia.

Isso nos leva de volta a Yeshua. No entanto, mesmo que Yeshua fosse o cumprimento dessa profecia, o que dizer de sua morte? *Será que Deus toleraria o sacrificio humano?*

S = 490 ANOS

uir Jerusalém até a época do Mashiach



levarão sobre si as suas iniquidades" (Números 14:34).

Essa interpretação de um dia por um ano tem sido sustentada por acadêmicos e comentaristas judeus, que interpretam as 70 semanas nessa

passagem dessa maneira. Usando esse princípio, as 70 semanas proféticas em Daniel 9 representam 490 anos literais. Ou podemos pensar desta maneira: $70 \times 7 \text{ dias} = 490 \text{ dias proféticos} = 490 \text{ anos literais}$.

você pode se questionar. Afinal, o sistema que Deus estabeleceu para o Seu povo era diferente daquele das nações pagãs, que sacrificavam crianças para adorar os seus deuses. Se Yeshua fosse um simples ser humano, então Deus estaria contradizendo Seu próprio sistema!

Mas, se Yeshua era quem Ele realmente afirmava ser, ou seja, totalmente divino, então Deus não se contradisse, e não seria o sacrifício de um ser humano. Isso será explorado com mais detalhe no próximo capítulo.

Se Yeshua era de fato completamente divino, como Ele afirmava ser, então Deus não Se contradisse.





Um Mashiach que entende você

06

O sol havia chegado ao seu auge em um dia quente em Samaria. Poucos iam ao poço naquela hora do dia, mas uma figura solitária podia ser vista indo até lá, equilibrando um jarro em sua cabeça.

Ela enxugou o suor da testa com a mão. O sol parecia especialmente quente, mas pelo menos ela podia evitar a multidão de mulheres que cochichavam sobre sua vida. Ela era excluída.

Ao se aproximar do poço, ela ficou sem graça ao perceber que havia um homem sentado ali.

Ela se concentrou na tarefa que tinha de fazer e rapidamente desceu o seu jarro no poço, esperando que ele não falasse com ela.

– Dê-me um pouco de água – pediu o homem.

Ela ficou surpresa por ele conversar com ela. Todos na cidade a rejeitavam por seus erros pecaminosos. Será que Ele não sabia quem ela era?

– Se você conhecesse o dom de Deus e quem é que está lhe pedindo água para beber, você pediria, e ele lhe daria água viva – o homem prosseguiu.

Essas palavras despertaram o interesse dela. Poderia existir algo para satisfazer o seu coração sedento?

– Por acaso o senhor é maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como os seus filhos e o seu gado? – ela perguntou.

O homem insistiu em seu ponto: — Aquele que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.

Ela ansiava pela satisfação e realização de que ele falava. – Dê-me dessa água – ela pediu. Embora Ele tivesse pedido água para ela, agora era ela quem fazia o pedido.

Ele foi gentil e generoso, mas também apontou o pecado dela. O que Ele disse a seguir fez com que ela percebesse que Ele sabia quem ela era: – Porque já teve cinco maridos, e o homem com quem agora vive não é seu marido. Ela tentou evitar a conversa sobre o seu pecado mudando de assunto



para uma controvérsia religiosa. E mesmo assim, enquanto ela tentava redirecionar a conversa para longe de seu passado vergonhoso, esse homem não desistia.



Ele gentilmente continuou tentando chegar no anseio espiritual do coração dela.

“*Quem é esse homem?*” a mulher começou a se perguntar.

Ela externou seus pensamentos: – Eu sei que virá o Mashiach, chamado Cristo. Quando ele vier, nos anunciará todas as coisas.

Ele respondeu sem hesitar: – Eu sou o Mashiach. Eu, que estou falando com você.

Quem era o homem que fez essa declaração a ela?

Era Yeshua. Nessa história registrada pelo discípulo judeu João (João 4), Yeshua afirmou que era o Mashiach que poderia lhe oferecer esperança em meio às suas lutas.

Quais outras afirmações Ele fez?

O EU SOU

Durante o ministério de Yeshua, alguns dos líderes religiosos, especialmente os fariseus, tentaram encontrar maneiras de desafiar os Seus ensinamentos. Uma vez, Yeshua lhes disse: *change to curly quotation marks* Abraão, pai de vocês, exultou por ver o meu dia; e ele o viu e ficou alegre” (João 8:56).

Os fariseus zombaram Dele: “Você ainda não tem cinquenta anos e viu Abraão?” (v. 57).

Yeshua respondeu corajosamente: “Em verdade, em verdade lhes digo que, antes que Abraão existisse, Eu Sou” (v. 58).

Ao usar as palavras *Eu Sou*, Yeshua estava declarando que Ele era Aquele que falou com Moisés na sarça ardente e que disse: “Eu Sou o Que Sou” (Êxodo 3:14), o mesmo Deus que levou o povo de Israel a sair do Egito, que estabeleceu o serviço do santuário, e que orientou a oferta de sacrifícios.

Assim, se Ele de fato era quem dizia ser, então sua morte não teria sido o sacrifício de um ser humano. Em vez disso, foi o auto-sacrifício voluntário do próprio Deus. Yeshua, ao escolher se entregar como o Cordeiro do Sacrifício, afirmou sua unidade com Deus e seu papel como o Mashiach.

Essa também não foi a única vez que ele fez essa afirmação. Aqueles que conspiraram contra Yeshua eventualmente o prenderam e o levaram a julgamento perante o sumo sacerdote. Muitas pessoas surgiram apresentando falsos testemunhos contra Yeshua. Muitos dos testemunhos conflitavam uns com os outros, criando confusão na sala de julgamento. Mesmo assim, Yeshua escolheu não se defender. Como descrito em Isaías 53:7: “Como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda diante dos seus tosquiadores, ele não abriu a boca.”

O sumo sacerdote percebeu que não estava progredindo na condenação de Yeshua. Ele então se levantou de repente, tomado pela frustração. A sala deve ter ficado em silêncio.

– Você não tem respostas para o que estes depõem contra Você? – ele perguntou. Yeshua permaneceu em silêncio.

Então, o sumo sacerdote lhe fez uma pergunta que Ele não podia recusar-se a responder, caso contrário desonraria a Deus. A pergunta do sumo sacerdote foi direta: “Você é o *Mashiach*, o Filho do Deus Bendito?” (Marcos 14:61).

Yeshua não negou Sua identidade. — Eu Sou, Ele respondeu. “E vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu” (Marcos 14:62).

Novamente, Yeshua invocou o título de Deus eterno, o nome que teria rapidamente levado seus ouvintes ao encontro de Moisés com Deus na sarça ardente. Mas Ele foi ainda mais longe. Ele também Se chamou de Filho do Homem. Os que estavam ouvindo teriam imediatamente entendido que Ele estava se referindo à profecia de Daniel 7:13, 14:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite. E eis que vinha com as nuvens do céu alguém como um filho do homem. Ele se dirigiu ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado o

domínio, a glória e o reino, para que as pessoas de todos os povos, nações e línguas o servissem. O seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.”

Yeshua reivindicava ser o Filho do Homem, um nome que tinha sido usado em referência ao *Mashiach*. Ele afirmava que tinha vindo do céu e que retornaria para lá para receber domínio, glória e um reino que nunca seria destruído.

***“E vocês
verão o Filho
do Homem
sentado à
direita do
Todo-Poderoso
e vindo com as
nuvens do céu.”***

MARCOS 14:62

O sumo sacerdote sabia o que Yeshua queria dizer, e, furioso, exclamou: “Por que ainda precisamos de testemunhas? Vocês ouviram a blasfêmia. Qual é o parecer de vocês?” (Marcos 14:63, 64). Ele acusou Yeshua de blasfêmia, de ser

um homem que dizia ser Deus. De acordo com Levítico 24:16, esse era um pecado digno de morte.

Mas e se Yeshua estivesse dizendo a verdade em vez de cometer blasfêmia? Quando começou o Seu ministério, Ele anunciou: “O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo” (Marcos 1:15). Nessas palavras, Ele se declarou como o cumprimento da profecia de 490 anos de Daniel 9. E se verdadeiramente fosse o Mashiach, o EU SOU, e o Filho do Homem sobre quem havia sido profetizado?

Esperança no sofrimento

Antes de Seu nascimento, o anjo instruiu a mãe de Yeshua a colocar esse nome nele, o qual significa “libertar, salvar, ou resgatar” em hebraico. Esse nome carregava um grande significado: Yeshua “salvará o seu povo dos pecados deles” (Mateus 1:21). Ele veio com o propósito de salvar o Seu povo dos terríveis efeitos do pecado, que começaram quando o primeiro homem e a primeira mulher escolheram desobedecer a Deus e acreditar no inimigo da humanidade. Yeshua afirmou ter autoridade para perdoar pecados (Marcos 2:10) e para conceder o poder de viver livre do pecado (João 8:11).

Seu trabalho cumpriu muitas previsões da Tanakh:

- › A promessa de salvação de *HASHEM* em Gênesis 3:15.

- › O sistema de sacrifício no santuário de Israel.
- › A descrição do Servo Sofredor em Isaías 53.
- › O propósito descrito em Daniel 9: “para acabar com a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna.”
- › A função do Filho do Homem descrita em Daniel 7:13, 14.

Todas as evidências apontam para a conclusão de que Yeshua é o Mashiach.

Daniel e o seu povo tinham sofrido no exílio para a Babilônia. Eles ansiavam pela esperança do perdão e da restauração, e Deus lhes deu essa esperança por meio da promessa do Mashiach na profecia dos 490 anos. Ele viria, daria um fim ao pecado e os reuniria com *HASHEM*.

Essa esperança alcança todo indivíduo.

Um exemplo é a mulher junto ao poço, que sofreu durante toda sua vida e ansiava por algo melhor. Yeshua, como o Mashiach que cumpriu a profecia de Daniel, deu a ela esperança.

Igualmente, *HASHEM* não ignora o seu sofrimento. Ele viu as dificuldades que o povo judeu enfrentou nos últimos séculos: as lágrimas que foram vertidas, as casas que tiveram de deixar para trás, as famílias que foram divididas, os entes queridos que morreram. Ele vê e valoriza cada sacrifício.

Qualquer que seja a circunstância que você esteja enfrentando, ele garante que sua vida não é sem propósito.

Ele também vê os sacrifícios que você deve estar fazendo hoje, seja aguentando preconceito, trabalhando duro para sustentar sua família ou até mesmo sendo maltratado por permanecer fiel à Torá.

E Ele, ao oferecer o Mashiach, escolhe se identificar com os seus sacrifícios. A profecia em Isaías 53 nos diz que o Mashiach seria um Servo sofredor, para que pudesse se identificar com você e lhe dar esperança.

Qualquer que seja a circunstância que você esteja enfrentando, ele garante que sua vida não é sem propósito. Um dia, em breve, Ele voltará como o Filho do Homem nas nuvens do céu para estabelecer o Seu reino eterno, um reino no qual nenhuma lágrima cairá, e a tristeza e a dor não mais existirão. Um lugar onde a alegria reinará, onde o nosso sofrimento será esquecido e onde finalmente estaremos reunidos com Deus. Será um

lugar onde todos perceberão que os sacrifícios que fizemos e, acima de tudo, o sacrifício do Mashiach, valeram a pena para trazer unidade e restauração.

Muitas pessoas que afirmam seguir Yeshua interpretaram mal quem Ele realmente é. Mas esta revista lhe proporcionou a oportunidade de vê-lo de maneira diferente. Ele é o Mashiach divino que foi predito pelos profetas. Ele cumpriu as profecias de Daniel 9 e Isaías 53 ao vir a esta Terra para se sacrificar pelo seu povo. Ele se tornou o Servo Sofredor da Tanakh para que pudesse oferecer esperança como o vitorioso Filho do Homem.

Você tomará posse da esperança de seu reinado vindouro escolhendo aceitar Yeshua como seu Mashiach? Você pode tomar essa decisão hoje fazendo esta oração:

Querido Pai, eu quero agradecer por Yeshua e pelo sacrifício que Ele escolheu fazer quando veio a esta Terra. Obrigado porque Ele me mostrou o exemplo de como eu posso viver uma vida de altruísmo em favor dos outros. Hoje, eu escolho aceitá-Lo como o meu Mashiach que me liberta do pecado e receber a esperança de viver em Seu reino eterno um dia. Ajude a minha gratidão e o meu amor por Ele crescerem a cada dia. Amém.

Para conhecer mais a respeito do Yeshua e aprender sobre o reino vindouro do Mashiach, veja as informações na próxima página ou no verso desta revista.



Leitura adicional



Quer explorar outras revistas que respondem algumas das perguntas mais profundas da vida? Muitos outros materiais esclarecedores e cheios de esperança estão disponíveis em nosso site.

Escaneie o código QR para conferir agora mesmo.





Escaneie o código QR
para saber mais.

